

## ENERGIA SOLAR

### INFORME SETORIAL

#### **Energia solar domina leilão que vai ampliar capacidade do setor elétrico**

##### **Broadcast**

A geração de energia por meio de painéis fotovoltaicos predomina no leilão que o governo vai realizar em maio para expandir o parque nacional. Dos 1.894 projetos de geração de energia apresentados, 1.263 são fotovoltaicos. O volume equivale a cinco usinas de Belo Monte. Nada brilha mais do que o sol no futuro desenhado para a expansão do setor elétrico. A geração de energia por meio de painéis fotovoltaicos, uma tecnologia que até pouco tempo atrás figurava como tema excêntrico em rodas de conversa sobre a matriz elétrica, abandonou todas as demais fontes e assumiu a ponta no leilão que o governo vai realizar daqui a três meses para expandir o parque nacional.

Levantamento sobre cada um dos novos projetos de geração de energia cadastrados no leilão marcado para maio, quando serão contratados os empreendimentos que devem entrar em operação daqui a quatro anos, daí o nome “Leilão A-4”. Trata-se de um dos principais leilões do setor elétrico, porque é voltado a projetos de grande porte e que precisam de mais prazo para construção. Os dados apontam que, entre centenas de projetos de hidrelétricas, plantas térmicas e parques eólicos, nada bate as usinas solares. Ao todo, 1.894 projetos de geração de energia de todas as fontes se cadastraram junto à Empresa de Pesquisa Energética (EPE), órgão

que realiza o leilão para escolher os empreendimentos que vão entregar energia para todas as distribuidoras do País. Desse total, nada menos que 1.263 projetos (67%) são de geração fotovoltaica. A predominância é a mesma quando verificada a potência de energia. Dos 75.250 mil megawatts (MW) previstos por todos os projetos, 52 mil MW – 70% da potência cadastrada para o leilão – têm origem nos painéis solares.

Seria o mesmo que construir quase cinco hidrelétricas de Belo Monte, que é hoje o maior empreendimento nacional de geração de energia. A se basear pelo histórico da EPE, cerca de 80% desses projetos cadastrados recebem sinal verde para participar do leilão, por cumprir os requisitos técnicos do processo de habilitação. Se as distribuidoras apresentam boa demanda por energia nova, portanto, tudo indica que as usinas solares podem ser protagonistas da disputa.

Entre os investidores que apresentaram projetos e se preparam para erguer parques solares está a Lightsource BP, uma das maiores companhias do mundo nesse setor. A empresa de origem inglesa, que tem a British Petroleum como sócia, está no Brasil desde 2019. Ricardo Barros de Vasconcelos Lima, diretor-geral da Lightsource BP no Brasil, diz que a companhia já iniciou a construção de um parque solar no Ceará, com 210 megawatts de potência, mas que planeja multiplicar por dez essa geração até 2025.

“Conseguimos uma linha de financiamento de US\$ 1,8 bilhão em Londres para investir nas operações em todo o mundo. O que posso te dizer é que estaremos no leilão, com toda a certeza, mas também com prudência. Vamos ver qual será o volume de energia demandado pelas distribuidoras”, disse.

Três fatores ajudam a entender por que a energia solar deixou de ser um experimento elétrico para entrar na base do abastecimento nacional. O primeiro é o

custo da energia. Em uma década, o valor da geração solar despencou e hoje rivaliza entre as mais baratas do País, chegando até a desbancar, em alguns momentos, as eólicas e as hidrelétricas. Se em 2013 o custo do megawatt-hora da energia solar era de US\$ 103, este preço caiu para US\$ 31 em 2021.

O segundo fator diz respeito ao avanço da tecnologia. Hoje, um parque solar é montado com metade do investimento que seria exigido cinco anos atrás para ocupar uma mesma área, enquanto a eficiência dos novos equipamentos cresceu e hoje entrega 30% mais energia, em média, do que as estruturas que se tinham há cinco anos. O tempo de instalação também é bastante reduzido em relação a um projeto hidrelétrico, por exemplo, com usinas em operação entre um ano e meio a dois anos.

Um terceiro aspecto que favorece a expansão nacional é a incidência de sol no País, presente com forte intensidade em grande parte do território nacional e de forma constante. “Não há surpresa para nós nesses movimentos. Vemos a oferta de projetos solares como uma resposta à demanda cada vez maior do setor”, diz Marcio Trannin, vice-presidente da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar). “As eólicas são renováveis, mas o sol consegue ser ainda mais democrático que o vento. Os projetos eólicos ocorrem em áreas específicas, enquanto a fonte solar tem uma capacidade de capilaridade muito maior.”

Mesmo assim, para dar mais segurança ao setor elétrico e diversificar a matriz energética, o governo anunciou na semana passada a retomada das obras da usina nuclear Angra 3 pela estatal Eletronuclear no litoral do Rio de Janeiro.

As obras serão tocadas por um consórcio formado pelas empresas Ferreira Guedes, Matricial e ADtranz, grupo vencedor da licitação para contratar os serviços do chamado “Plano de Aceleração do Caminho Crítico” da usina. Hoje só há duas

unidades nucleares em operação no País, Angra 1 e 2.

Os militares defendem que o investimento em energia nuclear deve ser feito pelo País, por, entre outros fatores, ser uma fonte que entrega o volume total de energia que suas turbinas podem gerar quando o setor elétrico quiser, diferentemente de outras fontes “intermitentes” – como hidrelétricas, eólicas e solar, que dependem das condições climáticas de chuva, vento e sol para proverem energia, sobre as quais não se tem controle total.

Hoje há, basicamente, três grandes mercados de energia onde os painéis solares se espalham. Ambiente residencial e de pequenas empresas, seu uso é feito de maneira direta pelo empreendedor, que busca uma forma de gerar sua própria energia e, assim, reduzir seus custos com eletricidade. É o chamado mercado distribuído. Outro segmento explorado pelas usinas solares é a venda da geração para as distribuidoras de energia, setor conhecido como “mercado regulado”, que realizará o leilão em maio.

Um terceiro mercado, porém, deve concentrar boa parte dos projetos nos próximos anos. Trata-se do chamado “mercado livre”, onde grandes indústrias – como os setores eletrointensivos, siderúrgicas e cimenteiras, por exemplo – compram a energia diretamente de seus geradores, em contratos diretos e de longo prazo, sem passar pelas distribuidoras.

Hoje, a geração fotovoltaica reúne 7.157 empreendimentos em operação em todo o País, com uma potência total de 4.735 megawatts. É pouco se considerada a fatia do sol na matriz elétrica, de 2,60% da potência nacional, mas a tendência é de que essa participação avance a passos largos nos próximos anos, a exemplo do que ocorreu com as usinas eólicas. Há uma década, os cataventos estavam no mesmo patamar em que se encontram hoje as usinas solares. Hoje, eles respondem por mais

de 11% da geração do País e, em épocas de ventania, já representam mais de 20% do abastecimento diário.

**Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET**

**Edição 374 - Em 18 de fevereiro de 2022**

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.